



O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

NEM UM DIA DE TRABALHO

NEM UM TOSTÃO PARA A GUERRA COLONIAL

Não cessam os apelos das autoridades salazaristas para que os trabalhadores portugueses paguem a guerra colonial. No dia 10 de Junho o governo fascista de Salazar pretendeu, através do patronato reaccionário, forçar os trabalhadores a concederem um dia de trabalho para sustentar o morticínio em Angola. A recusa da classe operária, em colaborar numa tal campanha, reflecte bem o grau de descontentamento e a reacção enérgica, à criminoso política salazarista em África.

A opressão colonial mais afrontosa gerou esta guerra libertadora. Os terroristas não são os patriotas de Angola que se batem pela independência e a liberdade do seu país. Terroristas e responsáveis por crimes hediondos são os dirigentes salazaristas, os altos comandos militares que em 3 meses de guerra provocaram a morte de mais de mil jovens soldados portugueses, liquidaram 50 mil angolanos, incendiaram e destruíram 60 povoações, regaram a bombas napalm regiões inteiras, aniquilaram sem piedade populações indefesas, velhos, mulheres e crianças.

O povo de Angola, tal como o povo português, não quer que as riquezas dos seus territórios alimentem as grandes fortunas dos capitalistas portugueses e dos monopólios anglo-belgo-americanos, que fomentam e apoiam esta guerra colonial.

Em 500 anos de «civilização,» levada a terras de África por portugueses, apenas 25.000 angolanos, numa população de 4 milhões e 500 habitantes, ascenderam à categoria de civilizados. Os restantes são, na sua quase totalidade, analfabetos;

condoçados ao trabalho escravo nas fazendas e concessões capitalistas, onde ganham salários de 2\$00 e 2\$50 e são sujeitos a espancamentos e castigos desumanos.

A política colonial do fascismo salazarista nega aos povos africanos a participação na vida política e na administração dos seus territórios, condena-os a um primitivismo social e a um baixo nível de vida, que estão na origem da sua ansia libertadora.

As repercussões da guerra colonial

Ações contra o terror

Das prisões salazaristas chega-nos um brado angustioso: DETENHAM O TERROR E A REPRESSÃO!

Vamos! Camaradas e amigos! Respondamos ao apelo dos nossos irmãos, desenvolvendo acções de protesto-cartas, abaixo-assinados, postais, telefonemas-nas empresas e locais de habitação, para serem enviadas às autoridades.

fazem-se sentir na vida dos tabalhadores da têxtil. Várias fábricas encontram-se já em laboração reduzida e outras irão fechar. O mercado angolano vai-se encerrando, cada vez mais, para os produtos manufacturados portugueses. Companheiros nossos foram lançados no desemprego e muitos outros se lhes seguirão. O algodão colonial chegará dificilmente ao país, na medida em que a guerra em Angola continuar. O preço dos artigos de primeira necessidade irá aumentar.

(continua na pag. 2.)

ORGANIZAÇÃO E UNIDADE BASE DA LUTA DA CLASSE TÊXTIL

A situação da nossa classe torna-se cada dia mais difícil e insustentável. Embora o patronato e o governo, responsáveis pela miséria mais atroz em que vivemos, se auxiliem mutuamente na realização de uma mesma política- a exploração da classe operária-isto não significa que tenhamos que nos curvar perante os seus desígnios e que não nos reste outro caminho que aceitar tal política. Não! Não tem sido este o caminho dos milhares de homens e mulheres que por todo o país ocupam os seus braços na indústria têxtil.

Ao longo dos anos a classe têxtil, enfrentando as maiores dificuldades e as brutalidades das forças repressivas, que vêm em apoio da exploração patronal e governamental, lutou pela defesa dos seus interesses, expôs as suas reivindicações e obteve algumas vitórias. Ainda o recente despacho de salários mínimos foi uma consequência das lutas da classe. O patronato e o governo não fazem concessões de livre vontade. Jamais reconhecem os nossos direitos e as nossas necessidades. Se conseguimos ver os nossos salários aumentado em 1945, 1952 e recentemente, foi porque nos organizamos, nos unimos e lutámos.

Os exemplos das lutas passadas são um estímulo e um incentivo para lutas futuras.

A luta contra os roubos e a exploração patronal e o apoio que lhe é dado pelo governo tem de desenvolver-se na base da organização e da unidade da classe. Sem uma e outra coisa a luta será difícil, longa e de resultados duvidosos. As experiências colhidas com a acção das comissões de unidade nas lutas passadas devem ser aplicadas nas lutas futuras. A formação das comissões de unidade em todas as fábricas têxteis é uma necessidade inadiável.

(continua na pag. 2)

É MENTIRA SENHORES COLONIALISTAS?

Mentira que nas colónias portuguesas reina a discriminação racial? Que numa população de 12 milhões de habitantes, vivendo no seu próprio território, não há um físico governador negro, um único magistrado negro, um único oficial negro, uma única autoridade administrativa negra?

— É mentira que a população negra de Moçambique, Angola e de outras colónias não frequenta os cafés frequentados por brancos, as salas de espectáculos frequentadas pelos brancos?

— É mentira que um negro não pode ascender para além da patente de cabo no exército português?

— É mentira que nos auto-carros, nos comboios, nos hospitais, os negros ocupam lugares à parte, inferiores aos dos brancos?

— É mentira, senhores colonialistas, que há trabalho-escravo nas colónias portuguesas? É mentira que as populações africanas são obrigadas a abandonar as suas culturas, as suas terras e as suas famílias, para irem trabalhar para as concessões algodoeiras, do arroz, do café, do sisal, do chá, onde lhes pagam salários de 2,00, 2,50 e 3,00 por dia?

— É mentira, senhores colonialistas, que esses trabalhadores compelidos são pagos a tanto por cabeça às autoridades administrativas coloniais, pelas companhias capitalistas, de que fazem parte os grandes figurantes da política actual?

— É mentira que segundo contrato assinado entre o governo português

NEM UM DIA DE TRABALHO

(continuação da pag. 1)

Nosvz lates se impõem aos trabalhadores do têxtil, se não queremos suportar dias mais difíceis e amargos.

Nas fábricas, aldeias, vilas e cidades, onde se concentra a classe têxtil, organizamos comitês de unidade e combates de luta pela Paz em Angola, para dirimir a acção das trabalhadoras contra a guerra colonial, contra a redução dos dias de trabalho, os despedimentos, o encerramento de empresas, os baixos salários, os multas e os castigos, contra os ritmos infernais de produção.

NEM UM DIA DE TRABALHO, NEM UM LENTAVO, NEM UM SOLDADO PARA A GUERRA EM ANGOLA.

Organizemo-nos e lutemos para pôr fim, sem demora, ao governo de Salazar, responsável pela morte de dezenas de milhares de portugueses e angolanos,

e o governo negro da União Sul Africana o governador de Moçambique é obrigado a fornecer 100.000 trabalhadores africanos, para irem trabalhar para as minas de diamantes e de ouro do Transvaal? Que este «Negócio de escravos» fornece ao governo da colónia de Moçambique mais de 50.000 contos anuais? Que a W. L. A. (a companhia recrutadora) mantém postos de recrutamento na província do Sul do Save e paga a tanto por trabalhador que vai para as minas?

— Não, senhores colonialistas, nada disto é mentira. Mentira é o que os senhores vomitam diariamente na imprensa, na rádio, na televisão, nos vossos fudorentos discursos, para convencer o povo português a seguir a vossa criminosa política.

OS TÊXTEIS DA COVILHÃ CONTRA OS 25 POR CENTO

Por determinação, do ex-ministro salazarista, Veiga de Macedo, os operários e suas famílias, com direito à assistência, são obrigados a pagar 25 por cento do preço dos medicamentos. Além disso as farmácias não satisfazem pedidos de medicamentos que ultrapassem 130000. Os trabalhadores só têm direito a especialidades farmacêuticas nacionais, depois do parecer dos conselhos médicos, o que é, para todos os efeitos, uma forma de evitar que estas sejam utilizadas pelos doentes.

Na COVILHÃ, os nossos companheiros manifestaram junto do sindicato o seu descontentamento contra as medidas tomadas pelo governo de Salazar sobre a previdência.

Quarenta operários têxteis, em nome da classe, comunicaram à direcção o desagrado provocado pela entrada em vigor do desconto dos 25 por cento. Esse desconto, longe de favorecer os operários vem forçá-los a novos gastos nos seus magros salários, vem impedí-los de adquirirem os medicamentos de que necessitam.

Já anteriormente, como noticiámos, os têxteis de TORTOZENDO realizaram uma deligência semelhante contra o decreto do ex-ministro, Veiga de Macedo.

Agora que a guerra de Angola consome a vida dos nossos jovens e dos dinheiros da Nação, reforçemos a luta por uma Assistência médica capaz, reclamemos o desaparecimento dos 25 por cento e a aplicação dos dinheiros da Previdência à saúde e à vida dos trabalhadores. Nem um centavo para a guerra de Angola.

Ameaças sobre a classe têxtil

A política salazarista de concentração industrial, visando os vicários dezentes de unidades fabris a produção está hoje realizada por centenas de pequenas e médias empresas têxteis-amacia a nossa classe de uma nova vaga de desemprego, de um novo anda de miséria. Se analisarmos, por exemplo, que na federação Nacional dos Industriais de Lanifícios estão inscritas 453 firmas, empregando mais de 13.000 operários poderemos imo-

plinar as conseqüências desastrosas para os trabalhadores desta ramo têxtil, quando centenas de pequenas e médias empresas encerrarem as suas portas, e a Indústria ficar nas mãos de meia dúzia de grandes capitalistas.

A guerra colonial em Angola criou em seus relictos desastrosos na nossa classe e mais a situação se equalizou na medida em que o conflito continuava para mais crise, miséria e dor.

Organização e unidade

(continuação da pag. 1)

Por outro lado, a atitude do governo, quando manda as forças repressivas contra os trabalhadores, logo que estes se lançam na luta por melhores salários e melhores condições de vida, impõe-nos, como dever de classe, lutar contra tal governo, que sanciona a exploração e a miséria de que somos vítimas. Impõe-nos que nos unamos às restantes classes laboriosas da Nação e com elas lutemos até se conseguir o derrubamento de tal governo. Em substituição deste deve ser formado um governo de unidade nacional que respeite a vontade do povo, a livre organização dos trabalhadores e a constituição dos seus sindicatos como verdadeiros organismos defensores e representativos dos interesses dos trabalhadores.

Construção de moradias na URSS

Os cuidados do governo soviético pelo bem estar dos trabalhadores manifesta-se continuamente. No período que vai de 1946 a 1958 o número de habitações construídas e reparadas na União Soviética ultrapassa em mais do dobro o de todas as cidades da velha Rússia tsarista. Nos últimos anos construíram-se em Moscovo mais habitações do que durante 800 anos da História da cidade até ao momento da Revolução. Construíram-se na URSS no decurso do Plano Sete-ntal aproximadamente 15 milhões de moradias nas cidades e 7 milhões nas localidades rurais. Assinalamos que na União Soviética as rendas de casa são as mais baixas do mundo e conjuntamente com os serviços comunais, ocupam apenas 4 a 5 por cento do orçamento normal de uma família soviética.

QUE PAGUEM OS PATRÕES A CRISE QUE SE AVIZINHA

Em Dezembro de 1960, intervindo na chamada Assembleia Nacional, o eng. José Rodrigues Carvalho, gerente da FABRICA MINDELO e genro do falecido tubarão Delfim Ferreira, afirmou que a indústria têxtil vivia uma «maré alta» de exportação. Em 1960 foram exportadas 19 mil toneladas de tecidos e fios de algodão, no valor aproximado de oitocentos mil contos. Tal volume de exportação, nunca igualado em qualquer ano, segundo ele, permitiu o descongestionamento dos stocks e superar a crise em que se debatia a indústria.

Animado por «esta maré alta» de largos e chorudos lucros para o patronato têxtil, o deputado-patriota pediu mais condições para a indústria, porque, segundo ele, os fios e tecidos portugueses estavam a ter

apreciável procura no estrangeiro. Evidentemente que só nos podemos orgulhar do trabalho dos operários portugueses ser apreciado no estrangeiro. Porém, não é disto nem da qualidade que se trata, mas sim porque os produtos têxteis portugueses são colocados no mercado internacional a preços mais baixos do que os estrangeiros, mercê da desenfadada exploração de que a classe têxtil é vítima. E é o próprio deputado que o afirma, aludindo ao aumento dos teares automáticos em toda a indústria, que «trouxeram maior aumento da produtividade... melhor rendimento e custos de produtividade mais baixos».

Isto significa que foram os trabalhadores que suportando todo o peso da crise, continuaram a suportar os efeitos gananciosos da «maré alta» dos negócios do patronato têxtil, à custa dos baixos salários, dos ritmos infernais de trabalho, da mais vil exploração e da miséria em que vivemos.

Presentemente os efeitos da guerra imposta ao povo de Angola já estão a provocar crise na indústria. Algumas empresas reduziram os dias de trabalho, alegando falta de matéria-prima.

Unamo-nos e lutemos pelos 6 dias de trabalho ou pelo pagamento do salário correspondente aos seis dias.

A LUTA DOS TÊXTEIS PELA PAZ EM ANGOLA

A criminoso guerra em Angola, desencadeada pelo governo de Salazar começa a ganhar as melhores energias da classe têxtil. Um grupo de mais de 100 operários enviou ao presidente da República a seguinte carta:

«Excelência:
Os abaixo-assinados, portugueses e portuguesas de bom coração e que muito amam a nossa querida Pátria, verdadeiramente angustiados pelas alarmantes notícias que diariamente nos chegam de Angola e movidos pelos mais puros sentimentos de Humanidade dirigem-se muito respeitosamente a V. Ex.^a, como chefe supremo da Nação, aum veemente apelo, pedindo-lhe para que se digne fazer uso dos seus poderes, que lhe são conferidos, para que seja posto termo à guerra que lava em Angola, a fim de que não continue a derramar-se o sangue dos nativos nem dos nossos queridos soldados que são os nossos filhos, irmãos, esposos, parentes e amigos—e que as questões levantadas entre aqueles povos e o nosso governo sejam todas resolvidas pela via das negociações pacíficas. A Bem da Nação, da Paz e da Amizade entre portugueses e angolanos».

Esta iniciativa dos nossos companheiros de trabalho expressa um vivo sentimento da classe, que certamente será continuada, por novas diligências dos trabalhadores têxteis-abaixo-assinados, cartas, postais, telefonemas, pequenas e grandes paralizações de trabalho—para que rapidamente se pouha fim à guerra em Angola.

Aproveitemos os sindicatos

Em todas as circunstâncias devemos lutar para que os sindicatos se transformem de organismos ao serviço dos trabalhadores. Realizamos os seguintes cuidados os nossos problemas, formulamos as nossas reivindicações, ajudamos as directões honestas, combatemos as que se colocam contra nós. Exigimos que em todos eles se realizem eleições! Quando ocorre a ausência de contestação sunitiva, a situação ilegal e abusiva dos sindicatos que possuem directões que já terminaram o seu mandato e se não dispõem a abandonar o lugar rendoso que ocupam.

Criemos comissões de luta pela paz em Angola!

No asfalto das estradas, nos muros das aldeias, nas paredes das nossas cidades e vilas, no alto das capelinhas brancas escrevamos as palavras: PAZ EM ANGOLA!

Nas empresas têxteis, nas secções, nos escritórios, nos bairros pobres, nas localidades onde habitamos criemos COMISSÕES DE LUTA PELA PAZ EM ANGOLA, compostas por homens, mulheres e jovens, que desenvolvam acções de Paz, recolham milhares de assinaturas, organizem manifestações de protesto contra a partida dos soldados, reclamation uma solução pacífica e negociada com os representantes dos patriotas angolanos. A PAZ EM ANGOLA CONQUISTA-SE PELA ACÇÃO.

COMPANHEIRAS! LUTEMOS UNIDAS!

Quantas somos em toda a indústria têxtil? Dezenas de milhar, uma maioria, que ultrapassa o número total dos homens. O que é a nossa vida nas empresas? Um pesado sacrifício que nos arruína a saúde, nos rouba a alegria. A maioria das empresas são campos de concentração onde nos oprimem, exploram e maltratam.

Nós, operárias têxteis, o que devemos fazer? Aceitar a dureza desta vida de exploração e de miséria ou lutarmos pelos nossos direitos? Não se ganham batalhas cruzando os braços. Os nossos exploradores só recuarão quando lhes opusermos a nossa unidade e a nossa luta. Luta por melhores salários, contra os despedimentos, contra os castigos e o aumento de teares, luta por uma assistência médica na doença, no parto, na invalidez e na velhice.

Com os nossos braços lutemos pelo futuro, o futuro dos nossos filhos, o futuro da nossa Pátria. UNAMO-NOS, NA LUTA, COMPANHEIRAS!

AS MULTAS OU CASTIGOS SÃO UMA FORMA DE EXPLORAÇÃO

Nas colunas do Têxtil, várias vezes têm sido denunciados tipos de castigos das entidades patronais, todos eles injustos, ilegais e até monstruosos.

As multas ou castigos, constituem, em grande parte dos casos, apreciáveis fontes de receitas para as empresas. Quer isto dizer que, além dum salário insuficiente, de ritmos de trabalho cada vez mais esgotantes e da instabilidade de emprego pelo facto de grande número de empresas trabalharem em regime de semana reduzida, não raro é o mês em que vemos ainda os magros salários diminuídos com a aplicação das multas.

Qual o camarada tecelão ou tececedeira que ainda não viu reduzido o seu salário com a aplicação dum multa, somente pelo facto da obra ter saído com defeito? E somos nós os culpados desses defeitos? Não procuramos nós fazer o melhor? Há dez anos trabalhávamos com um tear mecânico. Hoje

somos obrigados a trabalhar com 2 e 3 teares mecânicos ou 10 e mais automáticos. Por este facto e ainda pela razão por todos conhecida de que o fio é cada vez de qualidade mais inferior (mistura de fioco) os defeitos são inevitáveis. Mas não ficam por aqui os castigos. Se um companheiro que mora longe se descuidar e chega cinco minutos depois da hora ao emprego, é castigado; se uma companheira é apanhada a pedir um esclarecimento a uma outra companheira é castigada; se um companheiro se defende das grosserias dum mau encarregado, é castigado, e até já se tem sido castigado por, na hora do trabalho, se ter visto uma operária a pregar um botão.

Não são poucos os têxteis a quem as multas aplicadas lhes tem roubado por completo toda a fêria semanal ou forçam a ficar em casa 15 dias.

Apesar destes casos serem os mais raros, é no entanto corrente em cada empresa, mesmo em cada secção, haver todas as semanas castigos, que se traduzem sempre no roubo dumhas dezenas de escudos no salários da semana.

A coberto da lei (Cláusula 86 na Indústria de Lanifícios) que prevê multas que poderão ser de uma semana de trabalho, suspensão até 15 dias e mesmo o despedimento, diariamente companheiros nossos são castigados sem culpa. Esta lei, constituiu um processo de exploração largamente utilizado pelos patrões. Mas sabemos-nos organizar e lutar e os castigos terminarão. Para isto, unamo-nos em cada empresa. Um por todos e todos por um, punhamos fim aos castigos.

Empreendamos a criação de comissões de unidade em todas as empresas e tornemos a luta contra os castigos e as multas num aspecto fundamental da nossa acção diária contra o patronato.

CHAMEMOS OS CAMPESES

Muitos dos nossos companheiros encontram-se ligados por laços de família e pelos locais onde habitam, com os camponeses.

Fortaleçamos as ligações com os pequenos camponeses e os camponeses pobres. Ajudem-nos na luta pela defesa dos seus interesses.

CONTRA A «SEMANA AMERICANA» PELAS 48 HORAS

Recentemente foi imposto em algumas fábricas, têxteis e outras, um horário de trabalho a que chamam a «semana americana». Esta semana traduz-se em 10 horas de trabalho por dia, durante 5 dias, com descanso ao sábado ou seja, uma semana de 50 horas e apenas com o pagamento de 48. As duas horas a mais são contadas para pagamento antecipado, pelos trabalhadores, dos feriados.

Feitas as contas, vejamos, na realidade, os resultados desta celebre descoberta patronal. Em 52 semanas do ano, as 2 horas a mais perfazem 104 horas. Os feriados nacionais obrigatórios no ano são 7, que multiplicados por 8 horas totalizam 56 horas. Descontadas estas 56 horas as 104 restam 48 horas, ou seja uma semana completa em que os operários trabalham de graça para o patronato. Acrescentando ainda o caso de este ano, em que o primeiro de Janeiro foi ao domingo e o 10 de Junho a um sábado, são mais 2 dias dados de borla ao patrão. Se porventura algum operário for despedido, os benefícios do patrão ainda são maiores.

Na prática a «semana americana» representa uma ofensiva contra a semana das 48 horas, contra as horas extraordinárias que têm de ser pagas com mais 50 por cento, é um roubo descarado contra os trabalhadores, sancionado pelo governo de Salazar. Há pouco, na FONCAR, uma empresa onde vigora a tal «semana», porque o primeiro de Junho calhou a uma quinta-feira, no dia 2, sexta-feira, o patrão entendeu que não merecia a pena, só por um dia, ascender as caldeiras e não deu trabalho. Companheiros da FONCAR e de outras empresas! Lutemos decididamente contra esta «semana à gangster». Acabemos com os roubos a que somos submetidos. Só a luta organizada e unida terminará de vez com a vida de miséria que nos é imposta.